

EUA repensam empresa-escola

LEE IACocca

Há seis meses escrevi sobre o péssimo estado da educação norte-americana, baseado em dados oficiais do governo, mostrando que os nossos estudantes do curso secundário estão em péssima situação quando comparados a jovens de outros países.

De lá para cá, fiz algumas viagens. Estive até mesmo na Manchúria, onde visitei uma enorme fábrica automobilística, maior do que qualquer similar comparável nos Estados Unidos, apesar de eles estarem com um atraso de 40 anos em relação a nós.

Perguntei ao superintendente daquela fábrica quais os seus maiores problemas. Imaginei que ele iria mencionar a péssima qualidade do aço ou as dificuldades no setor de pintura. Em vez disso, ele respondeu que era a dificuldade de "encontrar uma quantidade suficiente de bons professores para o jardim da infância".

A administração da escola para os filhos dos funcionários também faz parte de suas funções e como ele comanda 80 mil funcionários, também precisa administrar uma grande escola.

Eu, pessoalmente, já tive muitas dores de cabeça com o meu trabalho, mas acho que, se além de tudo, tivesse de dirigir uma escola, seria demais para mim. E apesar de todas as suas falhas, eu certamente não estaria disposto a trocar o sistema educacional norte-americano pelo chinês. Mas não pude deixar de pensar que o meu colega na Manchúria dispõe de uma vantagem única em relação aos empresários norte-americanos.

Afinal de contas, a maioria dos garotos que freqüentam a sua escola acabarão, mais cedo ou mais tarde, trabalhando naquela fábrica, de forma que ele tem um grande interesse em garantir que os alunos sejam capazes de ler e de escrever e de fazer contas quando começarem a trabalhar. No caso de ele não gostar do produto que está recebendo, eu presumo que possa ir até o outro lado da rua e dar umas boas broncas nas pessoas certas.

Os líderes empresariais norte-americanos não têm muito controle sobre o nível de preparo das crianças para os empregos que irão estar a sua disposição mais tarde. Nós somos obrigados a aceitar o que nos é oferecido e não é segredo algum que não nos estão oferecendo uma quantidade suficiente de jovens bem equipados para competirem na economia global e altamente tecnológica na qual estamos vivendo.

A indústria norte-americana tem um grande interesse na educação, mas eu não acho que a maioria de nós, responsáveis pelas empresas, estejamos fazendo muito para proteger este nosso interesse. Nesta afirmação, eu incluo também a minha própria empresa.

É claro que distribuímos bolsas de estudos universitárias a filhos de funcionárias todos os anos e também fazemos contribuições idênticas, às dos funcionários, as suas próprias associações de ex-alunos, além de uma dúzia de outros programas.

Mas fornecer dinheiro para a educação não é suficiente. Aliás, às vezes, eu acho que preencher um cheque é a maneira mais fácil de nós nos convencermos de que somos bons empresários e de que estamos fazendo a parte que nos cabe para apoiar o setor da educação neste país.

Eu me convenci de que não estamos fazendo o suficiente. É

possível que em vez de preencher cheques deveríamos começar a fazer algumas exigências. Em alguns momentos de frustração, certamente gostaria de poder atravessar a rua e ir até a escola que nos está enviando gente incapaz de ler as propostas de trabalho e dar algumas boas broncas.

A minha empresa paga anualmente um total de US\$ 25 milhões em impostos escolares. Num certo sentido, as escolas são nossos fornecedores. Elas nos abastecem com o mais importante e mais dispendioso de todos os materiais: os nossos funcionários. E quando se paga tanto assim a um fornecedor, tem-se o direito, até mesmo a obrigação profissional, de garantir que se receba algo à altura do que se está pagando.

Quando a comissão local de zoneamento quer modificar algumas regras ou quando a comissão municipal considera alguma mudança que pode afetar a minha empresa, nós sempre temos pessoas presentes na reunião, encarregadas de garantir que não sejamos prejudicados. Mas eu confesso que nunca enviei gente nossa a reuniões do departamento local de ensino para exigir que esta diretoria faça alguma coisa quanto à qualidade das escolas.

Talvez tenha chegado o momento de se começar a fazer alguma coisa. Talvez líderes empresariais do País inteiro tenham de se apresentar nos departamentos de ensino, aliando-se aos pais e a outros grupos comunitários para começar a fazer sérias exigências. Até agora, temos nos limitado, principalmente, a entrelaçar e desentrelaçar as mãos num gesto de desespero e a preencher aqueles cheques para nos convencermos de que estamos fazendo a parte que nos cabe.

Todas as vezes que fico alarmado com a situação da educação, preciso parar e me lembrar de todos os professores dedicados que trabalham por baixos salários e que são obrigados a enfrentar toda uma série de problemas que eu não gostaria de ter pela frente. Mas, por outro lado, talvez a maneira de se fazer com que a vida deles se torne mais fácil seja forçando algumas mudanças na forma como as escolas são administradas.

A minha empresa é mais forte porque damos ouvidos aos clientes. E quando o cliente exige alguma coisa de nós, nós procuramos atender esta exigência, mesmo tendo de modificar todo o esquema existente. Como resultada disto, o nosso produto melhora de qualidade. Eu acredito que a mesma coisa possa acontecer nas escolas, caso os seus clientes — as pessoas que recebem os produtos destas escolas — se reúnam e digam "o que queremos é isto e se vocês não nos derem o que queremos, nós encontraremos outro lugar que nos possa fornecer".

Na minha empresa, nós decidimos que a educação será a nossa principal atividade extracurricular em 1989. Estamos procurando formas de conseguir um grande impacto e já comprometemos vários milhões de dólares com alguns projetos.

Mas nós estamos querendo usar mais do que apenas os nossos talões de cheque nisto tudo. Nós pretendemos utilizar também os nossos recibos de impostos pagos e os nossos pedidos de emprego. Nós pretendemos exibir estas coisas aos responsáveis pelo establishment educacional e começar a fazer algumas exigências que nós fizemos antes.

Lee Iacocca é presidente da Chrysler Corporation